

**56 - DISCRIMINAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: MEMÓRIAS DE UMA ALUNA TRANS**

ITALO MARCELO PEDRO AMORIM E SILVA

MESAQUE SILVA CORREIA

Universidade Federal do Piauí – UFPI – Teresina – Piauí – Brasil

italomarcelop@hotmail.com

doi:10.16887/90.a1.56

**INTRODUÇÃO**

A discussão referente à sexualidade humana é um universo de dominação esquecido e escondido dentro da escola, por ser complexa e, sobretudo, polêmica. Porém, trata-se de uma discussão necessária para a promoção de uma educação igualitária no plano dos direitos, diferente no plano das subjetividades e comprometido com o desenvolvimento de uma educação para a diversidade. Ao discutir sobre essa questão, Carvalho (2018) apontam que a instituição escolar historicamente funcionou e funciona como um território demarcador de uma epistemologia binária orientada pelos padrões e conceitos normativos estabelecidos historicamente com base em uma sociedade branca, letrada, heterossexual e cristã, que sempre restringiu ou delimitou a permanência em seu interior de novos corpos.

Desse modo, a presença de estudantes transexuais no interior das escolas representa um avanço nos processos de conquista de direitos. Entretanto, nos lembra Carvalho (2018), que a conquista do acesso a escola necessita vim acompanhada de políticas educacionais de permanência e a garantia de reconhecimento da identidade de gênero como forma de exercício da cidadania. Nessa mesma direção nos lembra Trevisan (2018) que o processo de acesso acaba sendo anulado se os estudantes LGBTs não puderem manifestar suas singularidades no espaço escolar e no caso das estudantes travestis e transexuais se forem impedimento de afirmarem a identidade de gênero em virtude das regras e normatizações pensadas por meio de um viés curricular heteronormativo.

De acordo com Carvalho (2018), os currículos e programas escolares são construídos com base em padrões da heteronormatividade, o que invisibiliza os processos educacionais de reflexões das outras possibilidades de expressão da sexualidade, o que quase sempre transforma a escola em um ambiente hostil, com consequências físicas, emocionais para o desenvolvimento de alunos LGBTs". Na perspectiva de Garcia (2000), este fato é um demonstrativo de que a escola do século XXI apresenta uma enorme incapacidade de fomentar uma gestão educacional com ações afirmativas na garantia de um espaço educativo voltado pra a valorização da afirmação da identidade de gênero.

Infelizmente os discursos pedagógicos quase sempre ecoam pelos ambientes da escola e chegam aos ouvidos dos alunos LGBTs para informar o quanto estão em desacordo com as normas e como estão sujeitos a ações coercitivas. Esses discursos dizem que as orientações sexuais diversas da heterossexualidade não são humanas, não são honestas e, por isso, seus sujeitos não podem ser o centro e a margem, o lado de fora é sim um lugar. O lugar para quem expressa pecado, perigo, anormalidade, fragilidade física e emocional, inadequação a determinadas atividades profissionais, falta de caráter, propensão ao crime, dificuldade de conviver em sociedade, etc. De acordo com Foucault (1975, p. 145), que a escola é um espaço marcado por imposições "uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar".

E quando se é trans e preta a homofobia, o racismo e o preconceito se unem a voz do opressor. Garcia (2000), em seu estudo sobre trajetórias de alunos negros gay na escola, afirma que os espaços escolares são racialmente demarcados, onde pertencimento racial e classe social se somavam. Para o autor, alunos pretos/as e brancos/as vivenciam diariamente nos espaços escolares "uma realidade dupla e dialética: ao mesmo tempo em que para alguns poucos ser negro e gay é natural, para muitos outros provoca estranhamento e repulsa. Demonstrando, que os sentidos presentes nos corpos ditam os espaços.

Estranhamente a Educação Física, componente curricular obrigatório da Educação Básica (BRASIL, 1996), uma disciplina que tem por dever introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, capacitando-o para usufruir os jogos, os esportes, as danças, as lutas e as ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida (CARVALHO, 2018), ainda apresenta dificuldade de lidar com a subjetividade humana.

Para Correia (2018), muitos professores de Educação Física desenvolvem suas práticas "educativas" baseada em modos de pensar, de sentir e de agir, oriundos por uma epistemologia heteronormativa. Isto agrava as desigualdades nas aulas, gerando exclusão dos alunos LGBTs devido ao uso de métodos e estratégias de ensino equivocadas. Para o autor, as práticas corporais direcionadas aos alunos LGBTs pautadas nos estereótipos da masculinidade produzem agravos aos alunos, devido aos possíveis casos de discriminação até a sua possível exclusão das aulas de Educação Física. Enfatiza o autor que quanto mais os alunos se afastam dos estereótipos de gêneros idealizados, mais discriminados são, como acontece com os alunos trans. E quando a homofobia toma dimensões exacerbadas, pode resultar em evasão escolar.

Assim sendo, o objetivo desse estudo é de conhecer as estratégias de enfrentamento utilizadas por uma aluna trans negra para permanecer no Sistema de Ensino, mais especificamente nas aulas de Educação Física.

**DESENHO METODOLÓGICO**

Utilizou-se a História Oral de Vida como metodologia. Essa consiste na arte de apreender narrativas a fim de obter material para conhecimento e análise de um determinado processo social do presente, favorecendo não apenas os estudos de identidade, mas também de toda a memória de uma cultura (BOSI, 2003;). A sujeita participante do estudo é uma jovem trans negra de 25 anos, nascida no Estado do Amapá, estudante do 5º semestre do curso de licenciatura em Educação Física e apaixonada, por esportes, danças e pela vida. O processo de produção de dados foi orientado pelos seguintes eixos temáticos: História de Vida a Transexualidade; Experiências escolares; Educação Física – Transexualidade e negritude.

As entrevistas foram submetidas à transcrição, processo em que são transformadas num relato literário em primeira pessoa, conferidas e aprovadas pela entrevistada. Para o registro das reações, considerações e avaliação do processo utilizou-se o recurso do caderno de campo.

## HISTÓRIA DE VIDA A TRANSEXUALIDADE

Ao nascer no dia 17 de setembro de 1996, foi batizada como Jarderson Antônio Pinheiro de Azevedo, quinto filho de uma família tradicional. A ela, desde o nascimento foi idealizado um modo de ser e viver: “crescer, casar e constituir uma família”. Afinal, esse é o ciclo de vida marcadamente heteronormativo que historicamente tem orientado a vida das pessoas em sociedade. No caso do sexo masculino, se é educador para ser o macho pegador (GARCIA, 2000).

De acordo com JADI D'AVILLA (nome social), narrar a trajetória de uma mulher trans não é uma tarefa das mais simples. Exige um caminhar titubeante pelas bordas e um mergulho por frestas escuras onde é constantemente alocada. O trajeto de uma mulher trans não é feito em linha reta, e tão pouco por terrenos planos: é um ziguezague constante por terrenos acidentados. Relata Jade que desde criança, descobriu sua identidade feminina, embora durante muito tempo tenha negado, já que diariamente era chamada de menino. Afirma que sua vida apresenta uma trajetória marcada por preconceito, incompreensão, fatos que fizeram com que por muito tempo, precisasse se esconder atrás da identidade masculina para sobreviver. Elucida:

Foram os múltiplos discursos preconceituosos tanto com relação a minha orientação sexual como sobre minha cor de pele que me tomaram protagonista da minha história. Um protagonismo que me coloca como suspeita, uma eterna coadjuvante, produto de uma sociedade hierárquica, que dividi-se em homens e mulheres, assim como dividi-se entre brancos e pretos, onde o primeiro se coloca como dominante em relação ao segundo. A mulher trans preta, pobre e macumbeira do tempo presente, adulta e consciente do seu papel social, não veio pronta para o mundo. Ao contrário, vivenciou uma infância, que estava na mira dos discursos normalizadores. Quando se é criança ou adolescente, com orientação sexual diferente da heterossexualidade e, além disso, ainda se é preta, os discursos normalizadores, são potencializados (JADI D'AVILLA).

Nas ponderações de trevisan (2018), a estratégia hegemônica de poder, apoiada no discurso da orientação sexual “normal”, se propõe a extinguir os espaços sociais em que outras orientações sexuais possam permear, para engavetá-la a sete chaves e exterminá-la como praga indesejada.

Outro fato que nos chama a atenção no relato de JADI é a declaração de que socialmente sua sexualidade é compreendida como descontrolada, fato este que a coloca na mira de todos os homens heterossexuais, todos, indistintamente, como possíveis parceiros sexuais. Afirma: “no seio de uma sociedade heteronormativa, mulher trans não têm critérios de escolha!”. Como preconizado por Foucault (1975), a distinção entre o normal e o patológico, o aceitável e o condenável, nem sempre está inscrita nos atos, mas nos corpos. Assim uma mulher trans ainda que pratique atitudes consideradas adequadas socialmente, não estará livre do controle imposto pelo poder hegemônico.

## EXPERIÊNCIAS ESCOLARES

JADI inicia sua narrativa sobre suas experiências escolares com lágrimas nos olhos e com as mãos em constante movimento, nos diz que suas recordações não são muito boas, afirma que na escola por conta de sua identidade sexual foi sempre hostilizada, visibilizada no plano do preconceito e invisibilizada no plano dos direitos. Como é observado, no depoimento abaixo:

A escola foi para mim um lugar marcado por crueldades, minha orientação sexual e minha cor de pele colocavam sobre mim uma série de estigmas que sempre me deixam em desvantagem em relação as outras crianças. A cor da pele, a grossura da perna, o tamanho do nariz e da boca e a textura do cabelo me tornavam diferente dos demais alunos, e eram justamente essas características que justificavam situações de agressões, que não levavam nem em conta o fato de eu ser criança. Não sei lhe dizer se fui mais discriminada por ser gay (assim como eu era identificada na época) ou por ser preta. Acredito que por ser preta por que a orientação sexual até se esconde, já a cor da pele não (JADI D'AVILLA).

Esse relato nos dar a certeza de que apesar de escola ser um “palco” onde todas as contradições sociais se encontram, o aluno que foge da normatividade é considerado pelo discurso pedagógico naturalmente inferior. Quando tomamos como eixo noteador a história de vida de JADI, podemos inferir que no centro deste “palco” o aluno negro torna-se alvo de homofobia, preconceito e discriminação, que hora se manifestam de seus pares (colegas), hora de do discurso pedagógico (agentes escolares) o que faz com que o aluno negro/gay não mereça a mesma presunção de inocência que as crianças brancas/heteros (CORREIA, 2018).

## EDUCAÇÃO FÍSICA – TRANSEXUALIDADE E NEGRITUDE.

JADI ao falar das aulas de Educação Física apresenta em seu rosto uma expressão contraditória, (alegria e tristeza), relata JADI que a Educação Física era a disciplina que mais gostava na escola, mas ao mesmo tempo era a aula que mais sofria discriminação. Conta-nos JADI, que seus professores já partiam do princípio de que por ser “gay” não iria gostar de praticar atividades corporais. Entretanto, segundo ela, os responsáveis por seu afastamento em algumas atividades eram os mecanismos homofóbicos criados pedagogicamente. Relata JADI:

Amo esportes, sempre gostei de praticar um pouquinho de cada um, mas nas aulas de Educação Física eu só poderia participar de alguns poucos como queimada, vôlei e handebol. Tanto meus colegas como meus professores achavam que eu era incapaz de jogar basquete, futsal, ou natação. Meus professores nem se quer perguntavam o que eu gostaria de jogar, a mim era reservado o espaço que ficava de trás da trave para jogar o que eu quisesse com as meninas. Afinal, além de gay eu era preta (...) por muitas vezes tive que voltar suja para casa porque os meninos não deixavam eu entrar no vestiário com medo de serem assediados (...) não lembro de nem uma vez que algum professor tenha falado com os alunos sobre o assunto, ou ter parado para intervir uma briga, sempre tive meus direitos invisibilizados (JADI D'AVILLA).

Para Correia (2018), a postura que os professores de Educação Física adotam em relação aos alunos LGBTs afeta diretamente as relações interpessoais estabelecidas entre alunos homo e heteros em suas aulas e com as atividades propostas. Assim sendo, problematizar de forma dialógica às questões que são apresentadas no processo de educação torna a quadra de aula em um terreno fértil para o estabelecimento de uma relação de confiança e de vínculo entre o aluno e o professor. Isso humaniza o processo educacional e o torna mais proveitoso.

JADI aponta que em virtude de sua história de vida e por ser uma mulher trans e preta, se aventurar pela carreira docente em Educação Física representa um prestar conta com o passado, e de certa forma, uma maneira de empoderamento, já que “a bicha preta, que foi renegada ao espaço de trás da trave nas aulas de Educação Física, retorna a escola para o centro da quadra como professora.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos esse estudo com o objetivo de conhecer as estratégias de enfrentamento utilizadas por uma aluna trans negra para permanecer no Sistema de Ensino, mais especificamente nas aulas de Educação Física. Mediante seus depoimentos encontramos que

o espaço escolar é um solo fértil para produção e interiorização de comportamentos e atitudes preconceituosas e discriminatórias contra alunos LGBTs. De modo declarado são realizadas ações homofóbicas, mostrando-lhes diferentes lugares para heterossexuais e LGBTs. A escola pública oferece a alunos, heterossexuais e homossexuais oportunidades diferentes para se sentirem aceitos e respeitados. A orientação sexual condiciona um tratamento diferenciado na escola. Quando associamos a questão da orientação sexual a étnico racial compete ao aluno trans negro à vergonha de ser quem é, encontra-se condicionado ao fracasso, à submissão e ao medo, uma vez que parte das experiências vividas na escola são marcadas por violências e humilhações. Diante do cenário aqui apresentado torna-se indispensável a elaboração de um trabalho que promova o respeito mútuo, o reconhecimento das diferenças, e a possibilidade de vivenciá-las sem receio e sem preconceito.

## REFERÊNCIAS:

- BOSI E. O TEMPO VIVO DAMEMÓRIA: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial; 2003.  
 BRASIL. Ministério da Educação. Lei de diretrizes e bases da educação nacional: Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1996.  
 CARVALHO, M. "Travesti", "mulher transexual", "homem trans" e "não binário". Cadernos Pagu (52), 2018.  
 CORREIA, M. S. O CORPO NEGADO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: um retrato da atuação do professor de Educação Física. In: XVI Semana Científica Centro Universitário Santo Agostinho, 2018. p. 648-654.  
 FOUCAULT, M. A HISTÓRIA DA SEXUALIDADE I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1975.  
 GARCIA, W. A forma estranha: ensaios sobre cultura e homoerotismo. São Paulo: Edições Pulsar, 2000.  
 TREVISAN, J. S. DEVISSOS NO PARAÍSO: homossexualidade no Brasil as colônias à atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

## ABSTRACT:

This study aimed to know the coping strategies used by a trans black student to stay in specifically in Physical Education classes. For data production we appropriate the Oral History of Life. We find that the school space is a fertile soil for production and internalization of prejudiced and discriminatory behaviors and attitudes towards students LGBTs. That Physical Education classes is the most segregating component of the school. Against of the scenario presented here, it is indispensable to elaborate a work that promotes mutual respect, recognition of differences, and the possibility of experiencing them without fear and without prejudice.

KEYWORDS: Racism, Discrimination, Homophobia, School Space.

## SOMMAIRE:

Cette étude visait à connaître les stratégies d'adaptation utilisées par un élève noir trans pour rester dans le système éducatif, plus particulièrement dans les cours d'éducation physique. Pour la production de données, nous nous sommes appropriés l'histoire orale de la vie. Nous avons constaté que l'espace scolaire est un terrain fertile pour la production et l'internalisation de comportements et d'attitudes discriminatoires et préjugés à l'égard des élèves LGBT. Ce cours d'éducation physique est l'élément le plus ségrégatif de l'école. Compte tenu du scénario présenté ici, il est essentiel de développer un travail promouvant le respect mutuel, la reconnaissance des différences et la possibilité de les vivre sans crainte et sans préjudice.

MOTS-CLÉS: Racisme, discrimination, homophobie, espace scolaire.

## RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo conocer las estrategias de afrontamiento utilizadas por un estudiante negro trans para permanecer en el sistema educativo, más específicamente en las clases de educación física. Para la producción de datos nos apropiamos de la Historia oral de la vida. Descubrimos que el espacio escolar es un terreno fértil para la producción e internalización de conductas y actitudes prejuiciosas y discriminatorias contra los estudiantes LGBT. Que las clases de educación física son el componente más segregante de la escuela. Dado el escenario presentado aquí, es indispensable elaborar un trabajo que promueva el respeto mutuo, el reconocimiento de las diferencias y la posibilidad de experimentarlas sin miedo y sin prejuicios.

PALABRAS CLAVE: Racismo, Discriminación, Homofobia, Espacio Escolar.

## RESUMO:

Este estudo teve como objetivo conhecer as estratégias de enfrentamento utilizadas por uma aluna trans negra para permanecer no Sistema de Ensino, mais especificamente nas aulas de Educação Física. Para produção dos dados nos apropriamos da História Oral de Vida. Encontramos que o espaço escolar é um solo fértil para produção e interiorização de comportamentos e atitudes preconceituosas e discriminatórias contra alunos LGBTs. Que as aulas de Educação Física é o componente mais segregador da escola. Diante do cenário aqui apresentado torna-se indispensável a elaboração de um trabalho que promova o respeito mútuo, o reconhecimento das diferenças e a possibilidade de vivenciá-las sem receio e sem preconceito.

PALAVRAS – CHAVE: Racismo, Discriminação, Homofobia, Espaço Escolar.